

um livro pesado

Não há mérito algum em caminhar só, por estas ruas cheias de gente com fones tapando meus ouvidos e escutando uma banda que foi sucesso há oito anos atrás, como se escutar estas músicas fosse capaz de fazer o tempo retroceder; enquanto caminho as coisas pelas quais passo vão se distanciando, porém, outras se aproximam destinadas ao mesmo processo.

Os carros possuem formas e velocidades constantes, simétricas; as leis de trânsito ou quaisquer outras, colaboram com a pouca criatividade do cotidiano moldado e emoldurante. Entro numa livraria e folheio livros os quais não tenho dinheiro para comprar e se tivesse, não teria tempo para ler, formas que continuam a passar, contingência de dias pouco criativos perpassados por atividades mortificantes.

A garota na estante ao lado folheia um volumoso livro, seus dedos delicados parecem acariciar as páginas com o mesmo carinho dispensado a um novo amor, é a isto que me refiro quando falo na falta de criatividade que nos seca; mas a vida não se mostra um novo amor, o pesado livro escorrega de suas mãos frágeis e cai em seu pé, ela dá um grito de dor, sai chorando e deixa o livro no chão.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/um-livro-pesado>